

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? | REVOLUÇÃO
31 de Julho de 2024

BORN IN FLAMES / 1983

um filme de Lizzie Borden

Realização, Montagem, Produção: Lizzie Borden / **Argumento:** Lizzie Borden, Ed Bowes / **Fotografia:** Ed Bowes, Al Santana / **Música:** The Bloods, The Red Crayola, Ibis / **Com:** Jean Satterfield (Adelaide Norris), Honey (Honey), Adele Bertei (Isabel), Flo Kennedy Wylie (Zella Wylie), Ron Vawter, Eric Bogosian; Kathryn Bigelow, Becky Johnston, Pat Murphy (editoras de um jornal).

Cópia: Digital, cor, legendada electronicamente em português / **Duração:** 80 minutos / **Estreia comercial:** 20 de Fevereiro de 1983, Festival de Cinema de Berlim / **Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca:** 9 de Julho de 2015, Ciclo "Are You For Real? – Uma Viagem Afrofuturista do Blaxploitation às Utopias Queer Visuais e Sonoras".

A sessão tem lugar na Esplanada

Tendo começado a trabalhar como crítica de arte, editora da revista feminista "Heresies", mas também como montadora, Lizzie Borden iniciou-se na realização cinematográfica em 1976 com **Regrouping**, filme assumidamente politizado que aborda a consciencialização feminina na América dos anos setenta. **Born in Flames**, a sua segunda longa-metragem, começou a ser filmada em 1977 e foi terminada em 1983, tendo conquistado nesse mesmo ano um prémio no Festival de Cinema de Berlim. E se estes são os primeiros filmes de Lizzie Borden é com **Born in Flames** que adquire desde logo uma posição importante no contexto de um cinema independente.

Born in Flames é uma ficção política muito conotada com um cinema "pós-punk nova-iorquino" e muito próxima da então apelidada "no wave", ou seja, de uma corrente de que também faziam parte nomes com fortes ligações à cultura musical, como atesta a excelente e omnipresente banda sonora em que figuram os Red Crayola, mas a grande especificidade da obra de Lizzie Borden dentro deste contexto tem em parte a ver com a importância que atribui ao feminino. Filme extremamente singular, tanto pelo seu atípico modo de produção, como pela própria estrutura e heterogeneidade de registos que convoca, **Born in Flames** chegou a ser descrito como um "feminist sci-fi drama", "parte fantasia de ficção científica, parte aventura feminista!", termos que apontam para a originalidade de um trabalho que, apesar de tudo o que já foi dito, é difícil de classificar.

Produzido pela própria realizadora com uma equipa de não-actores e filmado ao longo de vários anos, à medida que Borden ia conseguindo dinheiro para avançar, **Born in Flames** tem as marcas de um cinema improvisado e construído na mesa de montagem, mas apresenta simultaneamente partes muito escritas e encenadas. Provocador e satírico, trata-se de uma parábola de uma rebelião feminina que decorreria na América dez anos após uma revolução social pacífica que deveria ter assegurado uma igualdade generalizada para todos ("war of liberation"), mas cujos resultados defraudavam muitos e muitas mulheres que terão ficado esquecidas. É nesse sentido que, mesmo que deliberadamente situado numa Nova Iorque não realista que aponta para um futuro próximo, o filme espelha o conservadorismo que crescia na cidade nos anos 80, bem como as profundas divisões entre classes, géneros, mas também entre mulheres que lutavam por causas comuns.

O filme retrata um "Woman's Army" em torno do qual se reunirá um grupo de mulheres de todas as raças, classes e orientações sexuais, que procurarão assegurar igualdade de acesso ao trabalho e ao poder. A misteriosa morte numa prisão de uma das fundadoras deste exército será o elo ficcional encontrado pela realizadora para conseguir uma inesperada união. Utopia que de alguma forma espelha as contradições encontradas por Lizzie Borden quando se muda para Nova Iorque e percebe que os movimentos feministas sofriam as mesmas divisões de classe e de raça que a restante sociedade.

Mas **Born in Flames** está longe de se revelar como uma convencional ficção. Alternativamente a uma estrutura linear, Borden prefere uma construção em puzzle, que em muito recorre a uma confrontação de discursos de várias ordens e a uma desconstrução do discurso dos próprios meios de comunicação social, de cuja linguagem a realizadora se apropria para a subverter. Ficcionalando irónicos blocos noticiosos, que são entrecortados por declarações proferidas em programas de rádio independentes, em que todos se dirigem directamente aos espectadores, a realizadora confronta posições opostas sobre uma mesma luta contra a opressão. Mas Borden ficciona também reuniões em que são questionadas as diferentes formas de luta, sejam elas tidas entre jornalistas de classe média (entre as quais encontramos Kathryn Bigelow), sejam elas tidas numa ala mais radical, sob a atenta vigilância de agentes masculinos do FBI, que nos relatam a situação da sua perspectiva, ou situações de "guerrilha urbana". Esta multiplicidade espelha-se ainda numa textura granulosa e numa montagem acelerada num filme que valeu a Lizzie Borden acusações de incitamento à luta armada. Serão estas mulheres, que interrompem emissões televisivas para transmitirem a sua visão dos mesmos factos, "terroristas ou revolucionárias"? Esta é apenas uma das questões levantadas pelo filme.

Joana Ascensão